

ANO 1

Nº 1

REVISTA MENSAL

THEATRO LEIAS

Neste numero

::colaboram::

JÚLIO DANTAS
ALFRÊDO PIMENTA
AQUILINO RIBEIRO
D. FERNANDA DE CASTRO
FERREIRA DE CASTRO
MANOEL RIBEIRO
JOAQUIM MANSO
JOÃO MARIA FERREIRA
JOÃO GRAVE
D. BEATRIZ DELGADO
RAÚL BRANDÃO
A. FORJAZ DE SAMPAIO
RAMADA CURTO

MADY
VELL
1925

Agosto de 1925

Editor-Proprietario
ALBERTO R. BASTOS

DIRECTORES
ARMANDO COUTO
CARLOS BASTOS
JACINTO JUNIOR

Administrador
CARLOS BASTOS

Colaboração sollicitada.

Redacção e Administração:
(provisória)
RUA DE S. BRAZ, 298 — PORTO

Composição e impressão:
TIPOGRAFIA LANDOLT
Rua da Picaria, 85 — PORTO

ANÚNCIOS:
Preços convencionais.

PREÇO AVULSO
2850

ASSINATURAS:
Série de 6 números . . 12550
(Pagamento adiantado)



LIVRARIA ACADEMICA
J. GUEDES da SILVA
& R. MARTINS da LIBERDADE 12: PORTO

Compra livros usados
EM PEQUENAS E GRANDES
QUANTIDADES.
TANTO NO PORTO COMO NA PROVIN-
CIA.

Livraria Nacional
e Estrangeira

de
EDUARDO TAVARES MARTIN, SUC., LT.
12—Rua dos Clérigos—14
PORTO
(PORTUGAL)

— Casa fundada em 1897 —

Livros sobre direito, medicina, pedagogia, literatura, arte e religião.

Livros para os liceus, Instituto Industrial, Escolas Normais, Colégios, Escolas Officiais e Particulares.

Assinatura para todos os jornais, revistas e publicações periódicas portuguesas e estrangeiras.

Jornais de Modas.

Correspondência diária para o estrangeiro.

Correspondentes da "Nouvelle Librairie Nationale" de Paris.

LIVRARIA
MOREIRA

42
Praça da Liberdade

44

PORTO

LIVROS NACIONAIS
E EXTRANGEIROS.

THEATRO NACIONAL

A minha opinião sôbre o estado actual do theatro portuguez, diz-se em duas palavras.

O theatro, por toda a parte, está em crise. O *cinema* vence-o. A sensibilidade contemporânea só suporta uma esthésia, meramente sensorial, que lhe entre pelos olhos e pelos ouvidos, sem obrigar os nervos a vibrar ou o cérebro a pensar. Triunfam portanto as *feéries*, as *fitas policiaes*, e o *jazz-band*.

Como isto é muito assim na Europa e na América — é tambem assim cá no extremo occidental da Ibéria. Não havendo possibilidade portanto d'exploração industrial remuneradora, a producção litteraria sofre a lógica consequência do facto.

Escrever peças para as meter na gaveta ou para as ver subir á scena meia duzia de vezes, não atrai ninguém. Dahi os possiveis Shakespear's portuguezes, terem de se resignar a lêr, as suas maravilhas ao chá, á familia. Os empresarios, quer não sejam, quer sejam actores, — e neste último caso são os peóres — realisam o tipo perfeito dos sujeitos que apenas pretendem ganhar diuheiro servindo-se da palavra Arte, com A grande, como meros motivos de reclame. E não se lhes póde, razoavelmente, querer mal, por isso. Tôdavia, escaparam...

Esta a base material do problema e, como tudo sofre a tirania do factor económico, a producção dramática portugueza actual, não é uma corrente litterária definida, e apenas uma successão de casos isolados, de pessoas que tem forçosamente que escrever peças e que as escrevem — ás vezes boas, outras apenas sofriveis e as mais d'ellas más. De resto, o theatro, não está no feitio da raça. E' já banal dizer-se, mas é verdade; a raça é lyrica e é na poesia, sob todas as fórmãs, que ella se póde orgulhar de possuir uma das mais ricas litteraturas do mundo. O mais banal dos poetastros portuguezes, tem sempre um verso, uma imagem, uma quadra, que não é, sequer igualada, pelos melhores nomes dos poetas das outras litteraturas.

Em resumo: no theatro temos hoje alguns nomes que a crítica dos amigos atira para a glória, mas cujas producções duram o que duram as rosas, e aqui e ali a afirmação de grandes qualidades litterárias — que tôdavia, não chegam para fazer uma litteratura.

Marcelino e João da Camara, não tiveram ainda quem os substituísse.

RAMADA CURTO